
Apocalipse Econômico

Fernando Antônio Agra Santos¹

Os dias que antecederam o mês de agosto de 1999 foram bastante tumultuados com a iminência do que se denominou “fim do mundo”, onde a ocorrência do último eclipse solar do milênio despertou em muitas mentes “férteis”, a possibilidade de uma catástrofe no globo terrestre. Entretanto, poucos são aqueles que têm conseguido antever a real catástrofe econômica que poderá envolver as nações caso uma nova depressão mundial venha acontecer, como aquela ocorrida em 1929.

Inicialmente, antes de discorrer sobre a atual conjuntura econômica, uma breve recapitulação do que ocorreu em Wall Street em 1929 é por demais importante. No início do século, a opinião geral acerca do notável desempenho econômico da economia norte-americana era unânime por parte dos agentes econômicos. Havia um enorme clima favorável e otimista no tocante às expectativas quanto ao progresso tecnológico, de que tal iria cada vez mais ascender ininterruptamente. Conseqüentemente, a Bolsa de Valores aqueceu-se de tal modo a provocar uma supervalorização nas ações. Vale ressaltar que, teoricamente, as ações são uma alternativa de financiamento das empresas, assim o valor delas deve acompanhar o desempenho das referidas empresas que as emitem. Entretanto, uma valorização artificial dessas ações pode ocorrer, fruto da ação de especuladores, não refletindo necessariamente o que está acontecendo nas empresas.

A Bolsa de Valores nos Estados Unidos estava a pleno vapor. Até as pessoas que não possuíam grandes fortunas aplicavam o pouco que dispunham à época. Essa elevação na demanda por títulos (ações) contribuiu ainda mais para esse processo de valorização. Com o crescimento das expectativas otimistas, os empresários ampliaram seus horizontes de planejamento e passaram a investir mais. O nível de emprego cresceu. Entretanto, a valorização artificial, fruto da ação especulativa, como já fora mencionado, não possuía uma base sólida no setor produtivo da economia, a riqueza que girava naquela época era fictícia.

¹ Economista pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Doutorando em Economia Rural pela Universidade Federal de Viçosa - MG (E-mails: fasantos@alunos.ufv.br ds35684@correio.ufv.br)

Com isso, quando os preços das ações atingiram um pico elevadíssimo, aqueles especuladores mais espertos resolveram sair do mercado, ou seja, passaram a vender seus títulos que estavam sobrevalorizados, para conseqüentemente obter lucros maiores. Essa iniciativa começou a ser visível pelos demais agentes, implicando numa reversão das expectativas, ou seja, a demanda por ações, que estava bastante aquecida recebeu “um balde de água fria”. Passou a ocorrer o contrário, os agentes que possuíam ações passaram a vendê-las, aumentando assim a oferta no mercado secundário, com isso, os preços dessas ações despencaram. E à medida que as pessoas observavam o declínio no valor das ações, tentavam vendê-las para evitar prejuízos maiores. Com essa venda em massa, a crise se agravou mais ainda.

Com efeito, os empresários reduziram bruscamente os seus investimentos, uma vez que o termômetro que sinalizava o rumo da economia era a Bolsa de Valores, logo a queda nas cotações das ações despencou o volume de negócios. As perspectivas pessimistas tomaram conta da época até que naquela chamada “quinta-feira” negra, 24 de outubro de 1929, a crise generalizou-se e a economia norte-americana levava o mundo para o que ficou conhecida como a “Grande Depressão”. Uma das mais fortes crises até então vivenciada pelo sistema capitalista.

O clima de incerteza foi tão grande, que as pessoas reduziram bruscamente seus níveis de demanda, os empresários diminuíram seus investimentos, o nível de emprego caiu assustadoramente. Quem ainda possuía algum dinheiro depositado nos bancos tentou resgatá-lo. A corrida generalizada ao sistema financeiro estendeu a crise ao sistema bancário. Os meios de pagamento na economia declinaram sensivelmente. Enfim, o mundo mergulhou no caos.

Com a crise econômica deflagrada a partir de 1929, o mundo mergulhou profundamente numa situação caótica. Até que por volta do início do anos 30, a figura do economista britânico John Maynard Keynes, um dos maiores expoentes da história do pensamento econômico deste século, começou a despertar no cenário internacional. A “Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda” foi sua obra mais importante (publicada em 1936) que entre outras coisas, propunha saídas para a crise mundial. Onde, de um modo geral, Keynes observava que se os consumidores não demandam e os investidores não estavam investindo, por conta do clima de instabilidade, o Governo deveria entrar gastando e com isso gerar empregos e retomar o ritmo de crescimento da economia. Daí seguiu-se o New Deal, programa econômico adotado nos primórdios da década de 30, pelo presidente norte-americano Franklin Roosevelt, com o intuito de combater os efeitos da crise instaurada. Tal Plano pautava-se na intervenção do Estado no processo pro-

duativo, através de planos de obras públicas (almejando atingir o pleno emprego), o que na época ia de encontro às idéias liberais americanas. Enfim, posteriormente a isso, eclodiu a Segunda Guerra Mundial e a indústria bélica conseguiu também retomar o fôlego das atividades e a economia mundial foi se recuperando.

Hoje em dia, a conjuntura econômica internacional, apesar de suas especificidades e diferenças em relação ao ano de 1929, tem criado um clima iminente de uma nova crise mundial. Não se sabe se as perspectivas são daquelas magnitudes de setenta anos atrás, porém a situação atual tem despertado sérias preocupações em especialistas na área econômica, em todo o mundo.

A característica mais preocupante que se assemelha aos anos 30 é a supervalorização nas ações norte-americanas. Segundo o cálculo do Federal Reserve (Banco Central Norte-Americano), estima-se uma sobrevalorização artificial da ordem de 40%, em média. Além disso, tem-se observado uma confiança exageradíssima no modelo de crescimento econômico norte-americano, aliado ao volátil sistema financeiro global e aos frágeis sistemas fiscais de importantes economias no planeta.

O processo de valorização das ações estimula o ritmo de desempenho da economia. Para se ter uma idéia, há praticamente oito anos que a economia dos Estados Unidos não pára de crescer, o nível é de praticamente pleno emprego. Volta e meia, a espiral inflacionária tem suspirado nos Estados Unidos e como as idéias monetaristas vigentes não admitem inflação, o prenúncio de elevação dos juros norte-americanos é latente. Com a elevação dos juros, haverá uma queda na cotação das ações, desaquecendo o ritmo da economia. O problema poderá se agravar se o declínio econômico atingir um efeito multiplicador e a crise se generalizar. E ainda tem outro agravante, é que com os juros americanos mais altos, os capitais voláteis, com certeza migrarão dos países ditos emergentes, no caso do Brasil por exemplo, em direção aos Estados Unidos, ou seja, deflagrará crises em economia que não possuem a sua estrutura de contas equalizadas e são altamente dependentes desses capitais que giram pelo mundo volátilmente.

Enfim, vale ressaltar que a possibilidade de uma crise mundial é iminente e não deve ser descartada. Os formuladores de política econômica devem enfrentar o desafio de tentar estabelecer um melhor modelo de crescimento econômico mais sólido, antes que o mundo venha a sofrer de um eclipse financeiro generalizado, que possivelmente trará o apocalipse econômico.